

O autor de «Os Versículos Satânicos», cuja cabeça foi posta a prêmio por Khomeiny, é um homem entre duas culturas. Provocador? Talvez, mas sobretudo um grande escritor. Aqui se contam

As desventuras do Arcanjo Rushdie

Bernard Genies

Foi no dia 5 de Setembro do ano passado, Salman Rushdie toma uma última chávena de chá, na sua casa de Islington, a nordeste de Londres. Olha pela janela da cozinha para um jardim interior onde ficaram esquecidos alguns brinquedos de criança. Esboça um sorriso e sobe ao primeiro andar. Tira de cima da mesa baixa da sala, rodeada de grandes almofadas castanhas, um livro que arruma numa prateleira: é uma colectânea de poemas do irlandês Seamus Heaney, um dos seus poetas favoritos. Mas esta manhã, Salman não tem tempo para ler. Tem de estar no centro de Londres dentro de alguns minutos, primeiro para falar com o seu agente literário e depois para ir à sua editora, a Viking Penguin. Salman Rushdie está ligeiramente tenso. É o dia do lançamento do seu quarto romance, «Os Versículos Satânicos». Um grande livro, que levou mais de cinco anos a escrever, que lhe exigiu muito trabalho e muito estudo. Mas que lhe vai render também muito dinheiro — já recebeu um vale de 850 mil libras (cerca de 230 mil contos).

Salman Rushdie é um autor de grande êxito. A sua carreira de escritor começou em 1981, quando Rushdie tinha 34 anos. Vivia na Grã-Bretanha desde 1961. Frequentara o colégio de Rugby e depois a universidade de Cambridge. Mas, Rushdie não é um entusiasta do sistema educativo britânico, que considera muito rígido, muito elitista. Sempre que pode vai até Bombaim, a cidade onde nasceu, ou até Karachi, no Paquistão, onde mora a mãe e as irmãs, que lhe perguntam muitas vezes o que é que ele faz na Grã-Bretanha. E ele conta: a sua descoberta do esquerdismo, em 68, a sua participação no movimento estudantil contra a guerra do Vietname, os serões passados nos teatros de vanguarda. Porque Salman quer ser actor! O que não é fácil. Desiste e começa a trabalhar como redactor de uma pequena agência de publicidade.

Escreve um primeiro romance, a vida de um santo muçulmano, que é recusado por todas as editoras. Escreve novo romance, que desta vez é aceite pela editora Gollancz, mas fustigado pela crítica. «Curiosamente, esse falhanço não me fez perder a coragem», confiou-nos em Novembro do ano passado Salman Rushdie. «Tinha consciência dos meus defeitos. Portanto, pus novamente mãos à

obra, durante cerca de cinco anos.»

«Os Filhos da Meia-Noite»

Em 1981 Rushdie publica «Os Filhos da Meia-Noite». Um romance que faz sensação. Uma revelação. Toda a imprensa inglesa perde a cabeça com este relato muito especial da independência da Índia. O herói do livro é um tal Saleem Sinai (que se chamaria mais tarde, e sucessivamente, Ranhos, Cara de Cu, Careca, Fungão, Buda e até Quarto Crescente), um jovem muçulmano dotado de poderes sobrenaturais, testemunha privilegiada de todos os acontecimentos que abalam o seu país após a partida dos britânicos, tais como a criação do Paquistão, os massacres do Bangla Desh, a corrupção do Estado indiano moderno (encarnado na pessoa de um primeiro-ministro que tem por alcunha a Viúva, e que é sem sombra de dúvida a sra. Gandhi). Um romance histórico, um romance épico, mas um romance que revela também um escritor mais próximo de James Joyce do que de Narayan ou de Tagore. E que é dotado, por acréscimo, de um sentido da ironia e da sátira muito desenvolvido. Em Novembro de 1981 «Os Filhos da Meia-Noite» recebe o maior galardão literário britânico: o Booker Prize.

Um acontecimento inédito, num país onde os louros da edição são concedidos tradicionalmente por antiguidade. Rushdie torna-se muito popular nos meios da sociedade londrina. A sua imensa cultura impressiona, mas tem também a reputação de ser muito arrogante. É verdade que Rushdie não tem papas na língua e não esconde as suas ideias socialistas.

«A Vergonha»

Em 1983 o escritor lança uma nova obra que obtém grande êxito, «A Vergonha». Trata-se de um romance que conta a história do Paquistão, misturando mais uma vez os contos, as lendas e a realidade histórica. Os protagonistas do romance são, entre outros, Raza Hyder (um retrato muito fiel do general Zia), Iskander Harappa (Ali Bhutto) e Arjumand Harra, de alcunha a Virgem das Cuecas de Ferro (que é Benazir Bhutto, a futura primeiro-ministro do Paquistão!). A sátira política é evidente por detrás da farsa, e tanto o militar Zia como o civil Bhutto são



Em defesa de Rushdie e da liberdade de expressão

retratados como criminosos «sem vergonha», ou seja, destituídos de escrúpulos. O livro figura durante vários meses na lista dos mais vendidos na Grã-Bretanha e por pouco ganhava um segundo Booker Prize (que perde por um voto). De resto, Rushdie leva muito a mal essa derrota, criticando abertamente os membros do júri e a sua escolha (um romance do sul-africano J.M. Coetzee intitulado «Michael K, a sua vida e o seu tempo»). Rushdie, desiludido, desaparece das vistas do público durante algum tempo, publica um ensaio (sem grande interesse) sobre a Nicarágua «O Sorriso do Jaguar», divorcia-se, casa-se novamente com uma romancista americana, e continua sempre a escrever. Mas falta ainda uma última pedra no edifício romanesco de Rushdie, a terceira parte de uma futura trilogia.

«Os Versículos Satânicos»

«Em 'Os Filhos da Meia-Noite', falava da Índia da minha infância e da minha geração, nascida da independência. 'A Vergonha' era o Paquistão, o país para onde os meus pais se exilaram, porque eram muçulmanos e queriam fugir às perseguições dos hindús. Falta contar a terceira parte da minha história pessoal, a minha emigração para Inglaterra. Tinha 14 anos quando aqui cheguei. Foi uma ruptura total. Descobri o frio, o desprezo, o racismo. E outro mundo, outros valores. Foi o que esteve na origem do projecto de 'Os Versículos Satânicos'. Queriam descrever o processo da emigração, com todas as suas rupturas e sofrimentos, mas também

Integrando publicações periódicas e conhecidas personalidades da cultura de muitos países, foi constituído um Comité Internacional para a Defesa de Salman Rushdie e seus editores. Reproduzimos a seguir o texto divulgado por esse organismo nas páginas dos jornais subscretores (no nosso país «O Jornal» e o «Expresso»), iniciativa a que o JL assim se associa:

«A 14 de Fevereiro, o «ayatollah» Khomeiny dirigiu um apelo a todos os muçulmanos para que persigam e executem Salman Rushdie, autor de **Versículos Satânicos**, bem como todos os que estiverem implicados na sua edição.

Nós, abaixo-assinados, enquanto defensores do direito à liberdade de opinião e expressão, nos termos da Declaração Universal dos Direitos do Homem, declaramos que também estamos implicados nessa edição, quer estejamos contra quer a favor do conteúdo do livro. Apercebemo-nos do risco que isso supõe e lamentamos profundamente a perda de vidas humanas relacionada com este conflito.

Fazemos um apelo à opinião pública para que apoie o direito de todos os povos a expressar as suas ideias e crenças e

a expô-las de forma crítica com base na tolerância recíproca, libertos de censuras ou de possíveis intimidações.

Fazemos um apelo a todos os governantes para que continuem a repudiar a sentença contra Salman Rushdie e contra os seus editores e para que adoptem as medidas necessárias a que essas sentenças não sejam executadas.»

Esta tomada de posição foi já assinada por escritores e artistas como (entre muitos outros) Samuel Beckett, Milan Kundera, Ernesto Sábato, Saul Bellow, Federico Fellini, Michelangelo Antonioni, Adolfo Bioy Casares, John Kenneth Galbraith, Augusto Roa Bastos, Mario Vargas Llosa, Alberto Moravia, Harold Pinter, Joseph Brodsky e Carlos Fuentes, tendo a ela também aderido os portugueses Eduardo Lourenço, José Saramago, José Cardoso Pires, Maria João Pires, António José Saraiva, Mário Cesariny e Siza Vieira.

Os escritores, artistas e outros intelectuais de língua portuguesa, que desejem associar-se a este movimento, poderão fazê-lo também através do JL.

com todas as suas descobertas.»

O princípio da narração é confuso. Tão confuso que acaba de ser fundado em Londres um «Clube dos Leitores d'Os Versículos Satânicos» que conseguiram passar à frente da página 30». Com efeito, o romance começa com uma espécie de sonho. Gibreel (Gabriel) e Saladino, ambos oriundos de Bombaim, conhecem-se num boeing com destino a Londres. O avião é desviado por piratas do ar (sikhs canadianos) e explode em pleno voo. Gibreel e Saladino salvam-se milagrosamente, caindo numa praia inglesa coberta de neve. Só que há um pequeno pormenor: durante a queda, Saladino transformou-se num bode. Quanto a Gibreel, a sua aparência não mudou, mas está convencido de que é o Arcanjo Gabriel. Mas os dois camaradas são detidos pela polícia como «imigrantes clandestinos». Começa então para eles uma série de aventuras na Londres dos anos 80, por entre as peripécias da

violência policial, das manifestações raciais, da miséria e da guerra (das Malvinas). Sobre põem-se a estas imagens outras extraídas da vida passada das duas personagens na Índia (um deles era um actor especializado em papéis religiosos e o outro uma «voz» de programas radiofónicos ou publicitários) ou de acontecimentos como a catástrofe de Bhopal e massacres de crianças em Assam.

Em suma, trata-se de uma espécie de saga gigantesca, à escala de um mundo moderno constantemente abalado por explosões.

Mas há também sequências oníricas, que transportam esses «heróis» até junto de um Profeta chamado Mahound, uma personagem suspeita que resolve fundar uma religião. Mas os tempos são difíceis. Por mais que pregue, Mahound não consegue atrair as multidões. Uma noite confidencia aos seus discípulos (representados por meia dúzia de mendigos e outros espécimes do rebotalho da humanidade): «Já viram isto?

As pessoas não nos levam a sério. Nunca há mais de cinquenta pessoas a ouvirem-me e ainda por cima mais de metade são turistas.» É então que interveém o Arcanjo Gabriel (mas não será antes o Diabo?), que murmura aos ouvidos de Mahound (é a famosa cena da Revelação) que não adore um Deus único, mas também três deusas pagãs muito veneradas na cidade onde Mahound se encontra. Um excelente processo para atrair uma clientela mais vasta, explica o espírito maligno. Mahound segue esse conselho. Para além da representação física do Profeta (primeira blasfémia), essa tentação politeísta não podia deixar de escandalizar os leitores muçulmanos de Rushdie. Mas há pior. Noutras cenas (tais como o da página 381 da edição inglesa), descobrimos um bordel cujas pensionistas têm os mesmos nomes que as mulheres do Profeta. Resultado? O volume de negócios da casa «aumentou trezentos por cento». Outras blasfémias: Abraão é um «bas-

tardo», o Profeta é um «oportunista».

Como é que o livro foi recebido na Grã-Bretanha? As críticas literárias da obra feitas na imprensa são novamente muito favoráveis, elogiando as qualidades estilísticas do relato, o seu humor delirante, a sua ironia, evocando o «realismo mágico» da obra e comparando-a às de García Márquez. De resto, o romance foi laureado com o Whitebread Prize algumas semanas depois do seu lançamento. Durante um mês, o livro tem uma carreira normal. Vende-se bem, começa a subir na lista dos **best-sellers**, mas sem fazer barulho. Até ao dia 5 de Outubro, data em que o governo indiano anuncia que «Os Versículos Satânicos» é proibido na Índia. De repente o ambiente em Inglaterra deteriora-se também. Ameaças de morte, falsos alarmes de colocação de bombas em certas livrarias, manifestações de muçulmanos encolerizados (que culminarão a 14 de Janeiro, com a queima do livro em Bedford, no Yorks-

hire). O que é que aconteceu então na Índia? No Norte do país, em Uttar Pradesh, há um conflito entre grupos de hindús e muçulmanos, que reivindicam o mesmo local de culto, um templo construído em 1520 pelo imperador mongol Babur, e essa disputa arrasta-se ao longo de todo o ano de 1988. No fim do mês de Setembro os hindús anunciam a sua intenção de organizarem uma grande marcha em direcção a esse local sagrado. Um deputado da oposição, Syed Shahabuddin, resolve também mobilizar um exército de manifestantes muçulmanos para se dirigirem para o mesmo templo, também a 14 de Outubro, a data marcada para a manifestação hindú.

A violência parece inevitável. Que fazer? Shahabuddin tem uma solução: pede a Rajiv Gandhi que proíba o livro de Salman Rushdie na Índia. Gandhi acede a esse pedido. A marcha dos muçulmanos, anuncia Shahabuddin, é adiada para «data ulterior». Rushdie protesta violentamente. Todos os países árabes, assim como a África do Sul, proíbem o livro. Em Inglaterra os ânimos exaltam-se também cada vez mais. E a explosão verifica-se quando o livro é publicado nos Estados Unidos, no princípio de Fevereiro, desencadeando motins no Paquistão e depois a vingança de Khomeiny, que condena Rushdie à morte. Ironia cruel. Em Novembro, quando falámos com Rushdie no seu domicílio londrino, perguntámos-lhe o que é que ele pensava da implantação dos grupos extremistas em Inglaterra: «**Não representam nada**», respondeu-nos na altura. «**Estão completamente marginalizados.**»

© JL — «Le Nouvel Observateur»

Eugénio Lisboa, Hélder Macedo e Rui Knopfli fizeram apresentar no recente Congresso de Escritores de Língua Portuguesa este texto (que serve de tese à moção de solidariedade com Salman Rushdie) no qual se defende

O legítimo direito de questionar os dogmas

Os signatários terão tido o privilégio, ou anátema, de terem nascido e vivido a maior e melhor parte das suas vidas no ex-Ultramar, mais concretamente em Moçambique, lugar em que inúmeras religiões — a despeito de nós — conviviam e coexistiam, desde a católica à grega ortodoxa, à anglicana à protestante, como ao islamismo, ou hinduísmo e, ainda, a todas as suas derivantes, ou

seus precursores brasileiros. Para nenhum criador existem tabus, ou verdades incontestáveis; o seu dever, se algum, será conduzir a sua pesquisa às consequências derradeiras da sua imaginação e espírito criador, que aquelas sejam do domínio profano ou sagrado, da contestação da sociedade em que se insere, ou dos mitos que a habitam, porque só o triunfo do seu génio prevalecerá, contra ou a favor de Deus, dos homens ou do Diabo, nosso companheiro privilegiado. Sem recuos, sem hesitações.

Por estes motivos e na altura em que se realiza, em plena liberdade, o I Congresso de Escritores da Língua Portuguesa, entendemos ser mais do que adequado estender a nossa empenhada solidariedade a um escritor que, embora de língua inglesa, participa como muitos de nós, da perplexidade e do conflito estabelecidos entre as culturas de origem colonial — neste caso do subcontinente indiano — e uma nova identidade europeia e cujo «crime», ou «blasfémia», consiste somente no legítimo direito de

questionar e indagar certos dogmas adquiridos sob o foco de outras luzes e contraditórias perspectivas.

Concorrendo para o que vimos de afirmar e a pretexto do caso vertente, George Steiner, com o seu habitual brilhantismo, não deixaria de sublinhar que o ponto nevrálgico da questão se situaria «na maravilhosa volúpia, na essencial volúpia da livre fantasia, do humor especulativo e no facto que toda a grande arte transporta em si um grão de blasfémia».

Referimo-nos, claramente, a

Salman Rushdie que, pelo direito de interrogá-los e pô-los em causa, vê a cabeça posta a prêmio pelo mais ominoso dos obscurantismos, em nome de «Allah, o Misericordioso e Compassivo», como rezam os versículos do Corão ou, como se afigura cada vez mais claro, pelo mais aberrante e descarado dos expedientes políticos.

Apelamos pois para que esta moção seja aprovada e o seu teor seja comunicado ao autor, seus editores, ao Arts Council e ao Writers Guild que tão pronta e espontaneamente o apoiaram.

Referimo-nos, claramente, a